

Revisitando o Domicílio Complexo

IRACI DEL NERO DA COSTA

Resumo

O artigo é voltado ao estudo do domicílio complexo no início do século XIX para distintas estruturas demográficas e econômicas de Minas Gerais. São efetuados cortes concernentes à presença do domicílio complexo entre proprietários e não-proprietários de escravos, considerando-se, para os primeiros, o tamanho dos plantéis de cativos. Chega-se à conclusão de que tal tipo de domicílio difundia-se por todo o corpo social, não se definindo como característico das elites possuidoras de grandes cabedais e avultada escravaria.

Palavras-chave: demografia histórica, Brasil: família e domicílio, Minas Gerais: domicílio complexo.

Abstract

This paper deals with the complex household in the beginning of the nineteenth century for a number of localities in Minas Gerais. It studies the occurrence of complex households both for slaveholders were found in all socio-economic levels, and not typically in the wealthy elites who owned a great number of slaves.

Key words: historical demography, Brasil: family and household, Minas Gerais: complex household.

Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

"Cosinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos para filhos e hóspedes; capela; puxadas para acomodação dos filhos casados; camarinhas no centro para a reclusão quase monástica das moças solteiras; gineceu; copiar; senzala" (FREYRE, 1946, p. 33-34).

"... ia-se rebaixando acanhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjetos, mais cortiço (...) para o de vermes, brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão" (AZEVEDO, 1976, p. 155-156).

Outros trabalhos⁽¹⁾ ensejaram-nos oportunidades para considerarmos a família extensa ou, usando termo mais genérico, o domicílio complexo, o qual deve ser entendido como o que congregava, além do núcleo familiar básico, parentes de integrantes do mesmo e/ou núcleos familiares secundários igualmente compostos por pessoas que mantinham laços de parentesco com aqueles primeiros⁽²⁾

Naqueles estudos, aos quais somam-se pesquisas desenvolvidas por outros autores, patenteou-se a modesta participação relativa do domicílio complexo no plano da organização familiar da sociedade brasileira dos séculos XVIII e XIX. Tais trabalhos evidenciaram, ademais, que a assim chamada família patriarcal não se trata de fenômeno passível de observação empírica imediata.

No artigo vertente retomamos o tema visando deslindar mais alguns aspectos dos domicílios complexos. Interessa-nos, particularmente, determinar sua difusão no corpo social, bem como estabelecer a relação entre a incidência dos mesmos e o nível relativo de riqueza de seus integrantes. Como indicador desta última, adotamos a propriedade de escravos. Como fontes primárias, servimo-nos de levantamentos populacionais efetuados em nove localidades mineiras em 1790 (Santa Luzia de Sabará) e 1804 (demais), núcleos estes que agrupamos segundo quatro estruturas populacionais típicas por nós delineadas em estudos já publicados: Urbana (Vila Rica, Passagem de Mariana e um dos distritos de Mariana), Intermédia (Furquim e

(1) Cf. COSTA (1977, p. 21 e seguintes; 1979, p. 155 e seguintes; 1981, *passim*; 1982, *passim*).

(2) A categorização de domicílios adotada em nossos estudos vai descrita em COSTA (1979, p. 162-164). Note-se, ainda, que no artigo vertente entendemos como domicílios complexos os compreendidos nas categorias 4 (domicílio familiar ampliado) e 5 (domicílios múltiplos) da classificação supracitada.

Santa Luzia de Sabará), Rural de Autoconsumo (Nossa Senhora dos Remédios) e Rural-Mineradora (Abre Campo, Gama e Capela do Barreto)⁽³⁾

Colocadas estas observações preliminares, passemos ao objeto que nos ocupa.

A análise da Tabela 1 permite-nos afirmar que, em termos genéricos, os domicílios complexos compareciam nos dois segmentos sócio-econômicos em foco; assim, a parcela majoritária dos mesmos ocorria entre os não-proprietários de escravos, fato este que, como veremos adiante, devia-se à inferioridade numérica dos possuidores de cativos. Impõem-se, ademais, algumas ilações as quais podem ser referidas imediatamente aos distintos substratos econômicos que caracterizavam as estruturas populacionais aqui contempladas. Destarte, no meio rural onde predominava a produção de gêneros de subsistência votada ao autoconsumo e que ainda se distingua pela presença mais modesta de escravistas, dois terços dos domicílios complexos concentravam-se no segmento dos não-proprietários. Embora não nos escape que estamos a trabalhar com reduzido número de casos, parece-nos sugestivo que no outro extremo apareça, justamente, a estrutura rural-mineradora a qual se marcava pela especialização na produção de gêneros destinados à comercialização ou na extração aurífera. Já nas áreas que conheciam diferenciação no sentido de uma vida urbana mais intensa - caso das duas outras estruturas populacionais - observava-se uma distribuição mais equilibrada e não muito distante dos 50%.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DOS DOMICÍLIOS COMPLEXOS
SEGUNDO A POSSE OU NÃO DE ESCRAVOS

Estruturas Populacionais Típicas	Domicílios Complexos		Porcentagens
	Sem Escravos	Total	
Urbana	101	184	54,9
Intermédia	81	157	51,6
Rural de Autoconsumo	6	9	66,7
Rural-Mineradora	1	4	25,0

Fonte: COSTA (1982, Apêndice Estatístico).

(3) Para discriminação pormenorizada das fontes documentais e caracterização de cada estrutura populacional veja-se: COSTA (1979, p. 134-137; 1981, p. 215-231; 1982, p. 13-87; 1986, p. 96-107).

Como avançado acima, estas conclusões devem ser qualificadas pela consideração da maior ou menor presença relativa de escravistas e de não-proprietários; vejamos, pois, o que nos revela a Tabela 2, na qual indicamos a participação dos domicílios complexos sobre o total de domicílios correspondentes a cada um daqueles dois grupos. Dela se infere que cerca de 7,0% dos domicílios de não-escravistas apresentavam estrutura complexa; já para os proprietários de cativos, o peso relativo correlato mostrava-se ligeiramente superior, pois girava em torno dos 8%. Tal discrepância, bem como as observadas entre as distintas estruturas populacionais, parece-nos demasiadamente pequena para suportar qualquer outra ilação. Aventuramo-nos, no entanto, a propor duas hipóteses genéricas, as quais, esperamos, serão retomadas e testadas por outros pesquisadores. Vejamo-las:

1. Excluídas as áreas de forte especialização e com presença de escravistas de grande porte, não haveria divergência significativa na incidência de domicílios complexos entre proprietários e não-possuidores de cativos.
2. Nas áreas em que se definia a especialização na produção com base na posse de grandes plantéis de escravos, ocorreria a tendência de uma parcela maior dos escravistas congregar-se em domicílios complexos.

TABELA 2
PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS DOMICÍLIOS COMPLEXOS
SEGUNDO A POSSE OU NÃO DE ESCRAVOS

Estruturas Populacionais Típicas	Domicílios Sem Escravos			Domicílios Com Escravos		
	Complexos	Total	%	Complexos	Total	%
Urbana	101	1342	7,5	83	870	9,5
Intermédia	81	1160	7,0	76	915	8,3
Rural de Autoconsumo	6	96	6,3	3	65	4,6
Rural-mineradora	1	15	6,7	3	26	11,5

Fonte: COSTA (1982, Apêndice Estatístico).

Retomando o leito natural deste artigo, vemo-nos obrigados a efetuar um último corte, qual seja, o respeitante ao estudo da incidência dos domicílios complexos segundo o número de escravos pertencentes a seus integrantes. Para tanto, construímos a Tabela 3 na qual tomamos os dados dos dois distritos mais populosos e urbanizados de Vila Rica: Antônio Dias e Ouro Preto. Neles concentrava-se 50,8% da população ouro-pretana: 48,1% dos livres e 56,6% dos cativos. Neste núcleo principal centralizava-se, ademais, a vida administrativa, militar e religiosa da urbe.

Da aludida tabela depreende-se que a maioria dos domicílios complexos de escravistas concentrava-se na faixa inferior de tamanho dos plantéis, cabendo aos que poderiam ser considerados proprietários de grande porte cerca de um vigésimo do número total daqueles domicílios. Assim, impõe-se a afirmação de que estes últimos, a par de se mostrarem em todas as faixas de tamanho da escravaria, não se revelavam como característica marcante dos proprietários mais abonados.

TABELA 3
DISTRIBUIÇÃO DOS DOMICÍLIOS COMPLEXOS
SEGUNDO O NÚMERO DE CATIVOS POSSUÍDOS
(Distritos de Antônio Dias e Ouro Preto - 1804)

Número de Escravos Possuídos	Antônio Dias		Ouro Preto	
	Nºs Absol.	%	Nºs Absol.	%
1 a 5	10	55,5	23	63,8
6 a 10	6	33,3	10	27,8
11 a 15	1	5,6	2	5,6
16 a 20		-	1	2,8
+ de 20	1	5,6		

Nota.: Considerados apenas os domicílios de escravistas.

Fonte: MATHIAS (1969, p. 3-113).

As conclusões maiores destas notas são imediatas. Os domicílios complexos, como aqui conceituados, não se definiram como fenômeno típico de dado grupo sócio-econômico; ao contrário, encontramo-los tanto entre os proprietários de escravos como entre os que não possuíam cativos. Ademais, as porcentagens de domicílios complexos tomadas sobre o número total dos mesmos, considerados os segmentos de detentores e não-proprietários de mão-de-obra servil, não se mostraram expressivamente distintas. Por fim, contemplados apenas os domicílios complexos nos quais comparecia a mão-de-obra escrava, observou-se que a parcela majoritária dos mesmos encontrava-se no estrato referente a pequenos escravistas; como consequência, aos escravistas de maior porte correspondia, tão-somente, cerca de um vigésimo do número total daqueles domicílios. Destarte, embora o peso relativo dos domicílios complexos, como avançado na abertura deste artigo, fosse modesto, e conquanto se possa vir a encontrar parcelas não desprezíveis dos componentes das famílias de posses avultadas neles se reunindo, os mesmos faziam-se presentes nos diversos grupamentos sócio-econômicos concernentes à população livre da sociedade colonial brasileira.

Tais colocações, parciais com respeito ao espaço e ao tempo e não exaustivas quanto ao tema, indicam a necessidade de novas pesquisas, as quais, a nosso juízo, deverão atentar para o fato de que formas semelhantes de interação social podem decorrer de contextos sócio-econômicos díspares. Vale dizer, o domicílio complexo pode advir tanto da disponibilidade como da falta de recursos materiais. Numa situação, o congraçamento propiciado pela abastança; noutra, a reunião imposta pela carência de meios, verdadeira estratégia de sobrevivência de pessoas menos abonadas. No primeiro caso a possibilidade, no segundo a necessidade. Como extremos que são, Casa-Grande e Cortiço se tocam, oferecendo-nos mais uma expressão de um meio social profundamente marcado pela dicotomia riqueza/pobreza como, pelo desfilar dos séculos, tem sido o nosso.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Aluizio. *O cortiço*. São Paulo, Ática, 4a. ed., 1976, (Série Bom Livro).
- COSTA, Iraci del Nero da. A estrutura familiar e domiciliária em Vila Rica no alvorecer do século XIX. *Revista do IEB*. São Paulo, IEB/USP, nº 19, p. 17-34, 1977.
- _____. *Vila Rica: população (1719-1826)*. São Paulo, IPE/USP, 1979, (Ensaios Econômicos, 1).
- _____. *Populações mineiras*. São Paulo, IPE/USP, 1981, (Ensaios Econômicos, 7).
- _____. *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*. São Paulo, EDEC, 1982.
- _____. Minas Colonial: características básicas de quatro estruturas demo-econômicas. *Acervo*. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, v.1, nº 1, p. 95-114, jan/jun 1986.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 5ª ed., il., 1946, v. 1.
- MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais (Vila Rica 1804)*. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, il., 1969, (1ª Série Publicações do Arquivo Nacional, 63).

(Originais recebidos em julho de 1991).